



PAPA FRANCISCO

CARTA APOSTÓLICA

CANDOR LUCIS AETERNAE

NO VII CENTENÁRIO

DA MORTE DE DANTE ALIGHIERI



Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Bombonato*

Edição e adaptação: *João Vítor Gonzaga Moura*

Tradução: *Tradução oficial da Santa Sé, adaptada para o português do Brasil*

1ª edição – 2021

Título original: *Lettera Apostolica Candor Lucis Aeternae
nel VII centenario della morte di Dante Alighieri*

© dos textos originais, 2021:

Libreria Editrice Vaticana 00120 Città del Vaticano

ISBN: 978-88-2660-615-6

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

ESPLENDOR DA LUZ ETERNA, o Verbo de Deus se fez carne no ventre da Virgem Maria quando, ao anúncio do Anjo, ela respondeu: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38). O dia em que a Liturgia celebra este Mistério inefável é particularmente significativo também na vida histórica e literária do insigne poeta Dante Alighieri, profeta de esperança e testemunha da sede de infinito presente no coração humano. Por isso, nesta ocasião, desejo também me unir ao coro numeroso dos que querem honrar a sua memória no sétimo centenário da sua morte.

Em Florença, de fato, o ano tinha início, segundo o cômputo *ab Incarnatione*, em 25 de março. Próxima do início da primavera e, na perspectiva pascal, esta data aparecia associada à criação do mundo e à redenção realizada por Cristo na cruz, início da nova criação. À luz do Verbo encarnado, esta data convida a contemplar o desígnio de amor que é o próprio coração e a fonte inspiradora da obra mais célebre do poeta: *a Divina Comédia*. No último canto desta, o acontecimento da Encarnação é lembrado por São Bernardo, com estes versos famosos: “No seio teu o amor aviventou-se, / E ao seu ardor, na paz da eternidade, / O germe desta flor assim formou-se” (*Par. XXXIII, 7-9*).¹

¹ Usou-se a tradução brasileira de: JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO. *A Divina Comédia – Dante Alighieri*. São Paulo: Atena Editora, 1955.

Anteriormente, no *Purgatório*, Dante representara a cena da Anunciação esculpida em um penhasco rochoso (X, 34-37.40-45).

Por isso, nesta circunstância, não pode faltar a voz da Igreja que se associa à comemoração unânime do homem e do poeta Dante Alighieri. Com a beleza da poesia, soube exprimir, melhor que muitos outros, a profundidade do Mistério de Deus e do amor. O seu poema, expressão sublime da genialidade humana, é fruto de uma nova e profunda inspiração, de que o poeta, aliás, tem consciência quando fala dele como “este sacro poema / em que tem posto a mão o céu e a terra” (*Par. XXV*, 1-2).

Desejo, com esta Carta Apostólica, unir a minha voz à dos meus antecessores que honraram e celebraram o poeta, especialmente por ocasião de seus aniversários de nascimento ou falecimento, chamando novamente a atenção da Igreja, da universalidade dos fiéis, dos estudiosos de literatura, dos teólogos e dos artistas para este tema. Recordarei brevemente essas intervenções, prestando atenção nos pontífices do último século e nos seus documentos de maior relevo.

CAPÍTULO 1

AS PALAVRAS DOS ROMANOS PONTÍFICES DO ÚLTIMO SÉCULO SOBRE DANTE ALIGHIERI

Há um século, em 1921, por ocasião do VI centenário da morte do poeta, Bento XV, recordando as ideias que surgiram nos pontificados anteriores, particularmente de Leão XIII e São Pio X, comemorou o aniversário de Dante tanto com uma Encíclica¹ quanto promovendo obras de restauração em Ravena, na Igreja de São Pedro Maior, chamada popularmente de São Francisco, onde se celebrou o funeral de Alighieri e em cujo cemitério foi sepultado. O papa, vendo com apreço as numerosas iniciativas tendentes a solenizar a ocorrência, reivindicava o direito da Igreja, “que foi sua mãe”, de ser protagonista de tais comemorações, honrando o “seu” Dante.² Já na carta ao arcebispo de Ravena, Dom Pasqual Morganti, com a qual aprovara

¹ BENTO XV. Carta Encíclica *In praeclara summorum*, 30 de abril de 1921: AAS 13 (1921), 209-217.

² *Ibidem*, AAS c. 210.

o programa das celebrações do centenário, Bento XV motivou a sua adesão da seguinte forma:

Além disso (e isso é mais importante), há uma razão particular para considerarmos que se deve celebrar o seu fausto aniversário com grata memória e grande participação do povo, ou seja, o fato de que Alighieri é nosso. [...] Com efeito, quem poderá negar que o nosso Dante tenha alimentado e fortalecido a chama do engenho e a virtude poética inspirando-se na fé católica, a ponto de cantar em um poema quase divino os mistérios sublimes da religião?³

Em um momento histórico marcado por sentimentos de hostilidade à Igreja, o pontífice reiterou, na citada Encíclica, a pertença do poeta à Igreja: “a união íntima de Dante com esta Cátedra de Pedro”; e foi mais além, afirmando que a sua obra, apesar de ser expressão da “prodigiosa vastidão e agudeza de sua engenhosidade”, recebeu “um poderoso impulso de inspiração” precisamente da fé cristã. Por isso, continuava Bento XV: “nele não devemos admirar apenas a altura sublime da engenhosidade, mas também a vastidão do tema que a religião divina ofereceu ao seu

³ BENTO XV. Epístola *Nobis, ad Catholicam*, 28 de outubro de 1914: AAS 6 (1914), 540.

canto”. E tecia o seu elogio, respondendo indiretamente aos que negavam ou criticavam a matriz religiosa da sua obra: “Respira-se em Alighieri a mesma piedade que há em nós; a sua fé tem os mesmos sentimentos. [...] O motivo principal de elogio nele é este: ser um poeta cristão e ter cantado com acentuações quase divinas os ideais cristãos dos quais contemplava, com toda a alma, a beleza e o esplendor”. E o pontífice prosseguia: a obra de Dante é um exemplo eloquente e válido para “demonstrar quão falso é o argumento de que a obediência da mente e do coração a Deus corta as asas da engenhosidade; mas que, na verdade, estimula-o e eleva-o”. Por isso, defendia ainda o papa: “os ensinamentos que Dante nos deixou em todas as suas obras, mas sobretudo no seu triplo poema”, podem servir “como guia validíssimo para os homens do nosso tempo”, e de modo particular para alunos e estudiosos, já que ele, “ao compor o seu poema, não teve outro objetivo senão levantar os mortais do estado de miséria, isto é, do pecado e conduzi-los ao estado de beatitude, da graça divina”.

Passando a São Paulo VI, as suas várias intervenções estão relacionadas com o VII centenário do nascimento, celebrado em 1965. No dia 19 de setembro, ofereceu uma cruz dourada para embelezar a Capela de Ravena, que guarda o túmulo de Dante, até então

desprovida de “tal sinal de religião e esperança”.⁴ Em 14 de novembro, enviou a Florença uma coroa áurea de louros para ser encastoadada no batistério de São João. Por fim, na conclusão dos trabalhos do Concílio Ecumênico Vaticano II, quis doar aos padres conciliares uma edição artística da *Divina Comédia*. Mas sobretudo honrou a memória do insigne poeta com a Carta Apostólica *Altissimi cantus*,⁵ na qual reiterava a forte ligação entre a Igreja e Dante Alighieri:

Se alguém quisesse perguntar por que motivo a Igreja Católica, por vontade do seu Chefe visível, queira cultivar a memória e celebrar a glória do poeta florentino, é fácil a nossa resposta: porque, por um direito particular, Dante é nosso! Nosso, queremos dizer, da fé católica, porque tudo nele respira amor a Cristo; nosso, porque muito amou a Igreja, cujas glórias ele cantou; e nosso, porque no romano pontífice reconheceu e venerou o Vigário de Cristo.

Mas tal direito, continuava o papa, longe de autorizar atitudes triunfalistas, constitui um compromisso:

⁴ SÃO PAULO VI. Discurso ao Sacro Colégio e à Prelatura Romana, 23 de dezembro de 1965: AAS 58 (1966), 80.

⁵ Cf. AAS 58 (1966), 22-37.

Dante é nosso: podemos justamente repeti-lo. E afirmá-lo, não para fazer dele um almejado troféu de glória egoísta, mas antes para nos lembrar a nós próprios o dever de o reconhecer como tal e explorar, na sua obra, os tesouros inestimáveis do pensamento e sentimento cristãos, convencidos como estamos de que só quem penetra na alma religiosa do insigne poeta pode compreender profundamente e saborear as suas maravilhosas riquezas espirituais.

E este compromisso não dispensa a Igreja de acolher também as palavras de crítica profética pronunciadas pelo poeta contra quem devia anunciar o Evangelho e representar, não a si mesmo, mas a Cristo: “Nem me custa recordar que a voz de Dante se ergueu, pungente e severa, contra mais de um romano pontífice, e teve amargas reprimendas para instituições eclesiásticas e pessoas que foram ministros e representantes da Igreja”; contudo, é claro que “tais atitudes inexoráveis nunca abalaram a sua fé católica firme, nem o seu afeto filial à santa Igreja”.

Depois, São Paulo VI ilustrava as características que fazem do poema de Dante uma fonte de riqueza espiritual ao alcance de todos: “O poema de Dante é universal: na sua amplitude imensa, abraça céu e terra, eternidade e tempo, os mistérios de Deus e as

vicissitudes dos homens, a doutrina sagrada e a que deriva da luz da razão, os dados da experiência pessoal e as memórias da história”. Mas sobretudo especificava a finalidade intrínseca da obra de Dante, particularmente da *Divina Comédia* (finalidade essa nem sempre claramente apreciada e avaliada):

O objetivo da *Divina Comédia* é primariamente prático e transformador. Não se propõe apenas ser poeticamente bela e moralmente boa, mas capaz de mudar radicalmente o homem e levá-lo da desordem à sabedoria, do pecado à santidade, da miséria à felicidade, da visão terrificante do inferno à contemplação beatificante do paraíso.

Em um momento histórico e denso de tensões entre os povos, o papa levava consigo o ideal da paz e encontrava na obra do poeta uma reflexão preciosa para a promover e suscitar:

Esta paz dos indivíduos, das famílias, das nações, da sociedade humana, paz interna e externa, paz individual e pública, tranquilidade da ordem, é perturbada e abalada, porque são negligenciadas a piedade e a justiça. E, para restaurar a ordem e a salvação, são chamadas a trabalhar em harmonia a fé e a razão, Beatriz e Virgílio, a Cruz e a Águia, a Igreja e o Império.

Nessa linha, São Paulo VI assim definia a obra poética na perspectiva da paz: “A *Divina Comédia* é poema da paz: lúgubre canto da paz perdida para sempre é o *Inferno*, suave canto da paz esperada é o *Purgatório*, epinício triunfal de paz eterna e plenamente possuída é o *Paraíso*”.

Nesta perspectiva, continuava o pontífice, a *Divina Comédia* “é o poema da melhoria social na conquista de uma liberdade, que está isenta da escravidão do mal e nos leva a encontrar e amar a Deus (...) professando um humanismo, cujas qualidades julgamos ter ficado bem esclarecidas”. E São Paulo VI reiterava, uma vez mais, quais eram as qualidades do humanismo de Dante: “Em Dante, todos os valores humanos (intelectuais, morais, afetivos, culturais, civis) são reconhecidos, exaltados; e é muito importante notar que este apreço e honra se verificam enquanto ele mergulha no divino, quando a contemplação teria podido anular os elementos terrenos”. Daí, afirmava o papa, nasce – e justamente – o apelativo de Sumo Poeta e o atributo de *Divina* dado à *Comédia*, bem como a proclamação de Dante como “senhor do altíssimo canto”, no *incipit* da própria Carta Apostólica.

Além disso, avaliando as qualidades artísticas e literárias extraordinárias de Dante, São Paulo VI reiterava um princípio por ele afirmado muitas outras vezes:

A teologia e a filosofia têm com a beleza ainda outra relação, e é esta: a beleza, ao emprestar à doutrina o seu vestido e ornamento, com a suavidade do canto e a visibilidade da arte figurativa e plástica, abre a estrada para os seus preciosos ensinamentos chegarem a muitos. As pesquisas profundas, os raciocínios sutis são inacessíveis aos humildes, que são uma multidão, e famintos também eles do pão da verdade. Entretanto, estes percebem, sentem e apreciam o influxo da beleza e, por este veículo, brilha mais facilmente para eles a verdade e nutre-os. Bem o compreendeu e realizou o senhor do altíssimo canto, cuja beleza se tornou serva da bondade e da verdade, e a bondade matéria da beleza.

Por fim, citando a *Divina Comédia*, São Paulo VI exortava a todos: “Honrai todos o altíssimo poeta!” (*Inf.* IV, 80).

De São João Paulo II, que repetidamente citou nos seus discursos as obras do insigne poeta, quero lembrar apenas a intervenção de 30 de maio de 1985, na inauguração da Exposição *Dante no Vaticano*. Assim como São Paulo VI, também ele destacou a sua genialidade artística: a obra de Dante é interpretada como “uma realidade visualizada, que fala da vida do além-túmulo e do mistério de Deus com a força própria do pensamento teológico, transfigurado pelo esplendor

da arte e da poesia, simultaneamente conjuntas”. Depois, o pontífice deteve-se a examinar um termo-chave da obra de Dante:

“*transumanar*”, ultrapassar o humano. Foi este o esforço supremo de Dante: fazer que o peso do humano não destruísse o divino que existe em nós, nem a grandeza do divino anulasse o valor do humano. Por esta razão, o poeta leu justamente a própria vicissitude pessoal e a da inteira humanidade em chave teológica.

Bento XVI falou frequentemente do itinerário de Dante, tirando das suas obras tópicos de reflexão e meditação. Por exemplo, ao apresentar a sua primeira Encíclica – *Deus Caritas est* –, partiu precisamente da visão de Deus na perspectiva de Dante e na qual “luz e amor são uma coisa só”, para propor novamente uma sua reflexão sobre a novidade da obra de Dante:

O olhar de Dante vislumbra uma coisa totalmente nova (...). A Luz eterna se apresenta em três círculos aos quais se dirige com estes versos densos que conhecemos: “Lume eterno, que a sede em ti só tendo, / Só entendes, de ti sendo entendido, / E te amas e sorris só te entendendo!” (*Par.* XXXIII, 124-126). Na realidade, ainda mais impressionante que esta revelação de Deus

como círculo trinitário de conhecimento e amor é a percepção de um rosto humano – o rosto de Jesus Cristo – que aparece a Dante no círculo central da Luz. (...) Este Deus tem um rosto humano e – podemos acrescentar – um coração humano.⁶

O papa destacou a originalidade da visão de Dante na qual se comunica poeticamente a novidade da experiência cristã, decorrente do mistério da Encarnação: “A novidade de um amor que impeliu Deus a assumir um rosto humano; mais, a assumir carne e sangue, o ser humano inteiro”.⁷ Por minha vez, em minha primeira Encíclica,⁸ fiz referência a Dante para expressar a *luz da fé*, citando um verso do *Paraíso* onde ela é descrita como “esta fagulha bela, / que depois se dilata em flama ardente / E em mim cintila, qual nos céus estrela” (*Par. XXIV*, 145-147). Pelos 750 anos do nascimento do poeta, quis honrar a sua memória com uma mensagem, almejando que “a figura de Alighieri e a sua obra sejam novamente compreendidas e valorizadas”; e propunha que se lesse a *Divina Comédia* como “um grande

⁶ BENTO XVI. Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho *Cor Unum*, 23 de janeiro de 2006: *Insegnamenti* 2006, II/1, 92-93.

⁷ *Ibidem*, 93.

⁸ FRANCISCO. Carta Encíclica *Lumen Fidei*, a luz da fé. (Documentos pontifícios, 16.) Brasília: Edições CNBB, 2013.

itinerário, aliás como uma verdadeira peregrinação, tanto pessoal e interior, como comunitária, eclesial, social e histórica”; com efeito, “ela representa o paradigma de cada viagem autêntica para a qual a humanidade está chamada a abandonar a terra que Dante define ‘a terra que nos faz tão ferozes’ (*Par.* XXII, 151), para chegar a uma nova condição, marcada pela harmonia, a paz, a felicidade”.⁹ Por isso, apresentei a figura do insigne poeta aos nossos contemporâneos, propondo-o como “profeta de esperança, anunciador da possibilidade de resgate, da libertação, da mudança profunda de cada homem e mulher, de toda a humanidade”.¹⁰

Por fim, no dia 10 de outubro de 2020, ao receber a Delegação da Arquidiocese de Ravena por ocasião da abertura do Ano de Dante e anunciar este Documento, sublinhei como a obra de Dante pode ainda hoje enriquecer a mente e o coração de muitos, sobretudo os jovens, que, aproximando-se da sua poesia “em uma forma acessível a eles, constatam, por um lado, inevitavelmente toda a distância do autor e do seu mundo; mas, por outro, captam uma ressonância surpreendente”.¹¹

⁹ FRANCISCO. Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, 4 de maio de 2015: AAS 107 (2015), 551-552.

¹⁰ *Ibidem*, 552.

¹¹ *L'Osservatore Romano*, 10 de outubro de 2020, 7.